

Sonho

*Alice Soldan Rezende*¹

Possui graduação em “Letras-Inglês”, e experiência com ensino de língua francesa. Mestrado cursado em “Estudos da Tradução” na Universidade Federal de Santa Catarina. Doutoranda em “Estudos da Linguagem” na PUC-Rio, se interessa por traduções de Jorge Amado e pela influência de línguas africanas no português brasileiro.



<https://orcid.org/0000-0003-3504-6781>

Recebido em 31 ago. 2026. **Aprovado** em: 19 ago. 2026.

Como citar este artigo:

REZENDE, Alice Soldan. Sonho. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 15, n. 1, e-6740, set. 2026. DOI: 10.5281/zenodo.22700165.

Certa vez, uma preta velha
Olhando em meus olhos me disse:
“De sonho não se desiste,
De sonho não se desiste.”

Eu churumingava, a preta velha
Pegou na minha mão com carinho.
Numa caixa de papelão rasgada,
Desenhou dois furinhos.

“Quando estiver triste”, me disse
“Põe isso na cabeça,
Mira com esses olhos o horizonte,
E vai ver lá no fundo os teus sonhos.”

Eu trouxe o papelão pra casa,
Mas não botei na cabeça.
Tive medo, pensei
Que ao me verem fazê-lo,
Diriam que endoideci.

Pra quê procurar meus sonhos ali,
Nos olhos que ela me deu?
Se eu os conheço tão bem?
Meus sonhos são meus, de mais
Ninguém.

Ao invés disso, guardei
A caixa no armário,
Mas com o tempo,
Ela encolheu.

Em poucos meses, ficaram
Pequenos os olhos
Que a preta velha me deu.

Mudei o papelão pra gaveta.
Depois de um ano,
Ele tinha o tamanho
De uma caixinhazinha de fósforo.

E agora, o que eu faço?

Não enxergo nesses olhos...
Estão pequenos demais pra mim.

Tomada de desespero,
Fui à casa da preta velha.
Quando cheguei, ela me olhou
Com grandes olhos.

“Que foi que eu te disse, menina?
Não falei pra mirar o horizonte?”
“Senhora, deixei pra depois...”
A caixa encolheu,
E agora,
Não enxergo mais nesses olhos.”

Pensei que ela fosse brigar comigo,
Dizer mil palavras,
Dar sermão.
Ela simplesmente se foi com um sorriso
Pros fundos da casa,
E voltou,
Com uma nova caixa de papelão.

Dessa vez, furou olhos imensos,
Tão grandes,
Que quase não cabiam ali.
Ela quase rasgou o papelão ao meio!

“Quando estiver triste”, me disse,
“Olha por esses olhos, mira o horizonte,
E vai ver lá no fundo os teus sonhos.

Pode guardar a caixa na gaveta que for,
Ela pode encolher até sumir,
Pode o vento levar o papelão
Pras estrelas,
Ele pode virar poeira...
Esses olhos são sempre teus.

Olha pro horizonte, menina,
Teus sonhos estão lá.”

Eu agradei, ela me abraçou,
Nós churumingamos juntas.
E foi então que entendi
Que meus sonhos...

Não eram só meus.
Eram meus, eram dela, eram teus...
E pra alguns, até mesmo,
Eram Deus.
Saindo pela porta, ouvi alguém chegar.

Ouvi ecoarem, ao longo do tempo,
Sobre a fila de gente esperando pra entrar,
Nas estrelas e no vento,

As palavras da preta velha:

“Na vida, meu bem, cê pode desistir

De muitas coisas,

Mas de sonho não se desiste,

De sonho não se desiste...”

Figura 1: Um desenho da autora



Fonte: Autora (2025)